

Todo Mundo Viu - Ninguém Fez Nada **Uma série de entrevistas com mulheres jornalistas do Oeste Catarinense¹**

Samara SGARBOSSA²

Daniela da SILVA³

Universidade Comunitária da região de Chapecó - UNOCHAPECÓ, SC.

O presente trabalho destaca o processo de construção do livro-reportagem, *Todo Mundo Viu, Ninguém Fez Nada*, com relatos e histórias de mulheres jornalistas que sofreram e sofrem violência de gênero em seus espaços de trabalho. A escolha do tema surge em um contexto no qual a violência de gênero aparece cada vez mais acentuada. No exercício de escutar o que tinham a dizer neste texto abordo os desafios de apuração e escrita apresentando discussões que surgem a partir do encontro com oito jornalistas, que atuam ou atuaram na imprensa do Oeste Catarinense e que denunciam episódios de violência psicológica, moral, além de assédios e abusos, no ambiente profissional.

PALAVRAS-CHAVE

Livro-reportagem; Violência; Mulheres; Jornalistas; Oeste.

INTRODUÇÃO

O tema da violência contra mulheres jornalistas esteve presente desde o meu ingresso nas áreas da comunicação. Vejo a necessidade de que a sociedade tenha conhecimento sobre episódios que acontecem com profissionais, em seus respectivos espaços de trabalho. Considerando a importância das histórias de vida das mulheres, é difícil sensibilizar-se quanto às informações estão resumidas através de números e gráficos. Por isso, optei pela construção de um livro-reportagem pela possibilidade de ouvir histórias de maneira mais aprofundada, através de entrevistas de fontes que relatam situações vividas e presenciadas ao longo da carreira, sendo elas de desrespeito, falta de igualdade e outras tantas formas de violência existentes. Vale destacar o processo de planejamento do roteiro de perguntas, e o exercício de escuta inerente à profissão do jornalista, pois são histórias nem sempre fáceis para quem fala, ouve ou lê.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 - Jornalismo do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Egressa do Curso de Jornalismo da Unochapecó, e-mail: samarasgarbossa@unochapeco.edu.br

³ Orientadora do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da Unochapecó, e-mail: danidasilva@unochapeco.edu.br

Os objetivos que guiaram a produção desta pesquisa aplicada foram: documentar histórias e relatos de jornalistas sobre violência sofridas nos ambientes de trabalho; que surge, vale destacar, especialmente por minhas experiências pessoais, em vivenciar, os obstáculos de ser mulher no campo da comunicação, como a desigualdade de gênero, os ataques e a desvalorização do trabalho feito nós, que são ainda bastante presentes em nosso cotidiano.

Como trata-se de um assunto bastante sensível e delicado, penso que este formato de escrita, no qual o jornalista pode trazer mais detalhes do assunto, auxilia as leitoras e os leitores a conhecer não apenas relatos de violência, mas histórias de como estes episódios sofridos podem afetar a vida da vítima.

Os relatos contidos no livro-reportagem, são de profissionais da região Oeste, selecionadas para compor as páginas deste trabalho jornalístico, após um processo minucioso e de dificuldade em encontrar fontes que contribuíssem para a narrativa.

O livro foi dividido em Oito Capítulos, onde cada um é reservado para uma entrevistada e sua história. Os títulos escolhidos são frases ditas ao longo do relato de cada profissional, como: É preciso aprender a se defender; Urubu em cima de carniça; Cachorro que late não morde; Quando voltei de licença maternidade fui mandada embora; Estar em cargo maior causa desconforto até para o próprio Gênero; Você está muito bonita; Depende, o que eu ganho em troca?!. Denúncias de assédio moral, psicológico, sexual, desrespeito com licença maternidade e desigualdade salarial, são algumas das questões abordadas no decorrer de cada capítulo.

Ao longo das 67 páginas, trago detalhes da vida das jornalistas, desde o primeiro contato com elas até o dia da entrevista. Ainda, destaco características das mulheres e como se comportam mediante as perguntas que fiz no decorrer da conversa. É importante destacar que o diferencial deste trabalho é que, até este momento, não há nenhum produto que fale sobre o assunto e que traga o tema para discussão em nossa região, com este olhar para as vítimas de violência de gênero na profissão de Jornalista.

Violência de gênero

Há anos, a mulher passou de um mecanismo que reduzia suas opções a ser boa esposa, mãe e dona de casa, para então ser formadora de opinião. Compreendo que ao falar da noção de gênero neste trabalho, é indispensável pensá-lo em paralelo ao

conceito de violência, a qual implica vários elementos e posições teóricas, pois, infelizmente em nossa sociedade, contamos com a existência de diferentes formas de violência. Tal como pontua a autora Telia Negrão, a questão da violência de gênero era invisível no Brasil até a década de 1970, mas que após conhecimento e abertura de debates, se mantém como um tema instigante e provocador de novas abordagens (NEGRÃO, 2016). Apesar disso, são muitos desafios a serem enfrentados, em nível de poder público, dos tabus na sociedade e até mesmo da invisibilidade de muitas mulheres que sofrem diferentes tipos de violência em nosso país.

Para Paviani, “[...] muitos profissionais da mídia discutem sobre o tema propondo soluções, mas antes mesmo de solucionar o problema, a violência surge na sociedade novamente de diversos novos modos e ninguém consegue evitá-la por completo” (PAVIANI, 2016, p. 8). Portanto, é fundamental a conscientização dos meios de comunicação, seja televisivo, radiofônico ou sites da web, tanto sobre as possíveis penalidades que devem acontecer caso ocorra alguma situação dentro da empresa, por exemplo. Sobretudo, é preciso olhar para o tema como uma necessidade de transformação estrutural, de uma sociedade culturalmente machista e patriarcal.

O jornalismo literário na construção do livro-reportagem

O jornalismo literário é um estilo que une um estilo de texto jornalístico, que realça a subjetividade e oportuniza a produção de reportagens mais aprofundadas, sem deixar de lado a humanização dos personagens envolvidos nas histórias. Por isso, foi optado pelo formato de livro-reportagem, pelo fato de oferecer mais tempo de diálogo, com humanização e riqueza de detalhes.

Por consequência do trabalho realizado a partir das técnicas literárias, desejo que estas histórias não caiam no esquecimento do leitor, na medida em que consideramos este um assunto urgente em nossa sociedade e que carece de mais debates. Além disso, compreendo a relevância desse trabalho na luta para que novas políticas públicas sejam criadas; as denúncias se tornem, cada vez mais frequentes, e com isso os agressores punidos. Segundo Lima (1995, p. 173), “[...] de todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem em livro, é a que mais se apropria do ato em “fazer literário”, e apesar de se diferenciar das histórias da ficção, se inspira nas suas narrativas, especialmente pela possibilidade de colocar em pauta temas do cotidiano de maneira

profunda e problematizadora. Assim, ao aproximar o jornalismo impresso e a literatura, vemos nascer uma narrativa estruturada pela criatividade e a pesquisa, pois conta com um cuidado maior para o modo como os personagens e os fatos serão apresentados.

Além disso, encontramos a autora Daniela Arbex em “Todo dia a Mesma Noite” (2018), quando a jornalista faz uma reportagem sobre a tragédia na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, que aconteceu no ano de 2013. Neste livro, ela relembra e homenageia os 242 mortos no incêndio da Boate Kiss, e mais do que isso, produz.

Sem a pretensão de se comparar, mas ao se inspirar em sua produção, compreendo que da mesma forma como em **Todo Mundo Viu - Ninguém fez Nada**, onde oito profissionais do jornalismo foram ouvidas e denunciam momentos de violência de gênero, Daniela também parte deste pressuposto: o encontro com diversos sobreviventes, familiares das vítimas, equipes de resgate e profissionais da área da saúde, a fim de sentir e entender a verdadeira dimensão de uma tragédia, para além dos números e manchetes. Desta forma, na pesquisa aplicada proposta, o conteúdo é apresentado em formato de livro-reportagem, para que a sociedade se aproxime das histórias e tome conhecimento das mazelas que muitas mulheres sofrem ao realizar seu trabalho. Apenas um recorte dentre diversos relatos apurados e documentados neste livro-reportagem, e que busca mostrar as provocações e os calvários existentes no campo de atuação dessas profissionais. Como dito anteriormente, no processo de escrita e de produção do trabalho, optamos pela utilização de nomes fictícios, visando preservar a identidade das profissionais.

Métodos e Técnicas

O livro-reportagem possibilita ao autor muitas escolhas para sua formatação. Com isso, busquei trabalhar com diferentes recursos, uma delas são as 'frases de efeito', as quais oferecem destaque específicos das entrevistas. Um recurso utilizado para chamar atenção para uma informação ou convocar os leitores e as leitoras a observar com maior interesse falas que consideramos importantes para a história. Elas são recortadas do livro e são apresentadas em formatação diferente, com o intuito de se destacarem da fonte original.

Nestes trechos selecionados, há fortes relatos de profissionais que destacam, muitas vezes, palavras de baixo calão direcionadas a elas enquanto realizavam

coberturas esportivas, por exemplo.

Todo Mundo Viu - Ninguém Falou Nada, documenta a história e o relato de jornalistas sobre violência sofridas nos ambientes de trabalho, e proporciona a compreensão da rotina de trabalho das jornalistas, para entender de que forma e porque esses episódios de violência acontecem. Além disso, com sua produção foi possível a experimentação de técnicas do jornalismo literário na construção da narrativa jornalística, bem como, dos recursos da entrevista em profundidade, realizada com um roteiro de questões abertas. Ao fim, percebo que realizei mais que uma produção que abordasse os dados e índices de violência contra jornalistas mulheres no Oeste, mas sim um trabalho que contempla histórias reais de mulheres, capazes de simbolizar e somar a este árduo caminho que trilhamos em busca de mais respeito na profissão.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Todo Dia a Mesma Noite**. A história não contada da boate Kiss. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

CANELLAS, Marcelo. Prefácio. In: ARBEX, Daniela. **Todo Dia a Mesma Noite**. A história não contada da boate Kiss. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo. Barueri: Manole, 2009.

NEGRÃO, Telia. Saúde e violência de gênero: necessário monitoramento. In: SARDENBERG, Cecília M. B.; TAVARES, Márcia S. (Orgs.). **Violência de gênero contra mulheres**: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 109-144.